

ADEMIR PASCALE
ORGANIZADOR



CONTOS E POEMAS NATALINOS



SELO
CONEXÃO LITERATURA

ADEMIR PASCALE

ORGANIZADOR

Copyright © por Autores
Projeto editorial por Ademir Pascale
Proibida a reprodução total ou parcial sem autorização dos autores
Obra protegida por direitos autorais
2020

Patrocínio:
www.revistaconexaoliteratura.com.br



SELO
CONEXÃO LITERATURA

SUMÁRIO

CLIQUE SOBRE O TÍTULO DOS CONTOS E POEMAS

Introdução: Por Ademir Pascale, pág. 04

Inocentes sonhos e desejos de Natal, por Angélica Maria Escavassa, pág. 05

Amor de mãe, amor natalino, por Brendda dos Santos Neves Gotelip, pág. 09

Par de sapatos, por Cristiane de Mesquita Alves, pág. 11

Esse ano, o Papai Noel não vem, por Laila Angelica Moraes, pág. 14

A lenda das luzes do norte do Natal, por Angélica Maria Escavassa, pág. 16

O dilema de Papai Noel, por Roberto Schima, pág. 19

Ladrão de presente, por Felipe Gustavo, pág. 27

Lembranças Natalinas, por Laila Angelica Moraes, pág. 31

A magia de Natal, por Rosangela Mariano, pág. 33

Mais uma noite de Natal, por Liah Pego, pág. 35

Tradição, por Cida Simka e Sérgio Simka, pág. 40

Conheça outros títulos da coleção, pág. 44

Organização, capa, arte e diagramação: Ademir Pascale

E-mail: ademirpascale@gmail.com

VISITE:

www.revistaconexaoliteratura.com.br

www.facebook.com/conexaoliteratura



INTRODUÇÃO

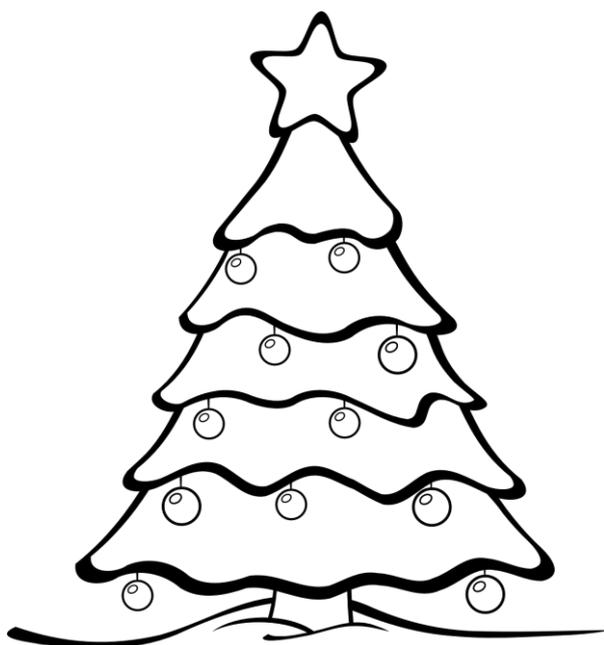
O Natal, sem dúvida, é a melhor época do ano. Recordações da infância, época de presentear, receber, ceiar e confraternizar. Mas acredito que o verdadeiro sentido do Natal é o de reunir a família e o de estarmos próximos de todas as pessoas que amamos, esquecermos dos problemas e pensarmos somente no amor. E foi pensando nisso que tive a ideia de organizar esse e-book, com excelentes contos e poemas produzidos para que o leitor reflita e perceba que o verdadeiro presente de Natal não é material.

Feliz, feliz Natal, que nos traz de volta as ilusões da infância, recorda ao idoso os prazeres da juventude e transporta o viajante de volta à própria lareira e à tranquilidade do seu lar.

— Charles Dickens

Desejamos aos leitores um Feliz Natal.

Tenham uma ótima leitura!



Ademir Pascale - Escritor e Editor

www.edgarallanpoe.com.br

www.revistaconexaoliteratura.com.br



APRESENTAMOS O CONTO

*Inocentes sonhos
e desejos de Natal*

POR ANGÉLICA MARIA ESCAVASSA

No Conto "INOCENTES SONHOS E DESEJOS DE NATAL", a autora mostra através de sua narrativa os dois lados da realidade que ainda nos dias atuais existem no mundo todo. A alegria e realizações reais de uns em contrapartida a sonhos e desejos de outros acontecendo principalmente em tempos festivos como o Natal, sem esquecer que de forma geral, também existem pessoas caridosas e sensibilizadas prontas a socorrer.

Angélica Maria Escavassa é cidadã Votuporanguense de 66 anos de idade que tem como fonte inspiradora para a escrita, três netas e três netos, (Letícia, Júlia, Emanuely, Guilherme, Lucas e do coração Gabriel) e seus pequenos(as) alunos. É formada em Letras/ Espanhol, pela faculdade e Universidade Unifev de Votuporanga é Artista Plástica há vinte anos, técnica em Educação no Tempo Integral em Escola Municipal da mesma cidade, Artesã há mais de vinte anos e Escritora com seis livros para serem publicados em 2021, (Quatro contos infantis, dois romances e outros a caminho). Teve participação com um texto na criação do livro "Antologia Ruínas" da Editora Patuá em 2020.

Era véspera de Nata!

Enquanto a neve descia flutuante para no chão se alojar, a noite de mansinho chegava.

Os telhados cobertos do branco gelo decoravam o panorama, deixando-o ainda mais encantador.

Reunidas dentro de seus lares, as famílias estavam alegres e felizes. Sentiam-se aconchegantes perto das lareiras decoradas com florais representativos do tema natalino, presépios, castiçais e, também, fileiras de lindas botas decorativas e tradicionais.

Por sua vez, alimentadas da nativa madeira, as lareiras lançavam pequenas línguas de fogo, aquecendo os ambientes.

Nos cantos estratégicos das salas, os imponentes pinheiros naturais exibiam suas magníficas decorações, carregados de laços, fitas, bolas e pequenas luzes cintilantes. A beleza envolvente e contagiante chamava a atenção e era um verdadeiro convite para as lindas e harmônicas canções natalinas.

Nas janelas, os clarões das velas acesas refletiam nas vidraças. Clareando fora as calçadas, iluminavam o caminho dos que estavam atrasados e apressados, para chegar a tempo em seus lares e, com suas famílias, celebrar a festiva noite, porém, não muito distante, outras duas pessoas não compartilhavam a mesma sorte.

Niko morava com sua mãe, em uma casa quase em ruínas no fim da rua e no pequeno ambiente, eles viviam desprovidos de conforto e fartura.

O menino de oito anos de idade era uma criança de alma pura e singela, exemplo que a vida se encarregava de moldar. Ele cuidava da mãe doente há algum tempo e ela minguava com as dificuldades causadas por tanta pobreza.

Era véspera de Natal e Niko, embora tão inocente, desejou encontrar uma forma de alegrar o coração da pobre mãe, queria vê-la alegre e envolvida no clima que a todos, naquela noite, contagiava.

Da janela sem enfeites de sua casa, Niko observou em silêncio a beleza da especial noite e ficou encantado vendo a neve cair entre tantos pontos de luz, para formar o imenso tapete branco.

Desejando ver tudo de perto, ele teve a ideia de procurar pequenas ramas de pinheiro e com um enfeite agradar a mãe. Após conferir se tudo estava bem, se agasalhou e pegando o único brinquedo que tinha, abriu a porta e saiu.

Caminhando pela calçada com passos curtos, ele enfrentou o frio da noite em busca das pequenas ramas, puxando seu velho caminhãozinho de madeira, brinquedo que outrora, alguma criança havia desprezado, jogando-o fora e agora lhe pertencia.

A cada passo, envolvido na magia do ambiente, se encantou com o lindo cenário que, muitas vezes o obrigou a parar e, distraído, ver os cristais de gelo descer do céu mansamente.

Outras vezes, ouvindo as famílias reunidas em volta das lareiras, entoando as lindas canções natalinas, ele se aproximava das janelas e, ali, do lado de fora, ficava observando através das vidraças, os enfeites e das famílias empolgação

Seduzido com a beleza e fartura que nunca experimentara, Niko sonhou desejando profundamente, um dia também se reunir em torno de uma bela lareira com sua pobre mãe, e com ela, dividir momentos felizes, entoando as mesmas canções e, depois, sentados em volta de uma farta e linda mesa, festejar sem pressa da festa acabar.

Enquanto Niko sonhava, o tempo passava, mas ele, ainda precisava encontrar as pequenas ramas para fazer seu enfeite de Natal e agradar a mãe, porém do lado de fora da bela e festiva morada, o sono dominou o menino e ele dormiu profundamente ao relento, agarrado a seu caminhãozinho.

Pouco tempo depois, passando por aquele caminho, o velho Olaf viu a criança e apiedando-se dela aproximou. Ele era um bom e caridoso homem que, aqueles dias despertavam nele, tristes lembranças e solidão, pois não tinha mais consigo sua família, motivo este que naquela festiva noite decidiu caminhar pelas ruas.

Pensando em proteger, Olaf interrompeu o sono da criança procurando ouvir dela sua história. Sensibilizado com a situação, no coração de Olaf o verdadeiro sentido do natal

voltou a despertar e ele, curioso como era, seguiu a criança até sua pequena morada e lá, presenciou a triste e miserável realidade.

Olaf tinha uma bela casa, nela, a partir daquela noite, abrigou Niko e sua mãe. E pela primeira vez, como uma família, festejaram juntos a tão sonhada ceia de Natal.

O bondoso homem encontrou uma nova razão para viver, acolhendo mãe e filho como sua nova família. A mãe de Niko, logo foi curada e ele, finalmente pode viver sua infância feliz, pois seus inocentes sonhos e desejos de Natal, se realizavam.





APRESENTAMOS O POEMA

Amor de mãe, amor natalino

POR BRENDDA DOS SANTOS NEVES GOTELIP

Brendda Neves é jornalista e poeta da Academia Internacional de Literatura Brasileira-AILB (nº212), Associação Capixaba de Escritores-ACE. Foi da Academia Jovem Espírito-santense de Letras-AJEL. Obras: Versos inversos, Brendda Neves, Clube de Autores. 1º Concurso Literário de Viana. Cotidiano introspectivo-Centenário Lispector e Coletânea de Natal, Projeto Apparere e Editora Perse. Meu poemar atravessa fronteiras, Editora MWG. Retalhos, Psiu Editora. Coletâneas Mulher Natal e Mulher Feminina, Editora Jordem. Litera-Livre 4º ed.: concurso. Antologias 2008 (Marcelo Netto) e Jovens Escritores Capixabas (Leonardo Monjardim, AJEL.

Quão agradável é o perfume das rosas
Que evola de vossas mãos graciosas
Oh! Cheia de graça, a mãe de nosso Senhor!

Quão reconfortante é o calor que emana
De vosso imaculado coração,
Morada do próprio Coração de Jesus...

Quão doce é a candura de vosso olhar,
Toda a ternura do vosso amar
A envolver-nos com o mesmo carinho
Que dirigistes ao Vosso filho tão amado
Desde o nascimento e ainda menino
E em sua via dolorosa na Paixão
E hoje tão pouco lembrado no Natal...

Amor de mãe zelosa!
Quão bom é servir a Jesus
Com humildade e obediência
Como tu O serviu e amou!

Quão preciosos são os vossos ensinamentos...
Ensina-nos a amar o Vosso filho!
Quão linda é a oração natalina
Que pronuncia vossos lábios
A nosso favor, oh! Mãezinha...





APRESENTAMOS O CONTO

Par de sapatos

POR CRISTIANE DE MESQUITA ALVES

O conto narra uma lembrança de um episódio inusitado do cotidiano de uma mulher que vai ao supermercado às vésperas do natal e encontra um garoto chamado Dentinho que lhe aborda para fazer dois pedidos: que ela escreva uma carta e lhe compre um par de sapatos. A narrativa é destecida no sentido de levar o leitor a saber a motivação e/ou finalidade dos pedidos.

Cristiane de Mesquita Alves é doutora em Comunicação, Linguagens e Cultura pelo PPGCLC/ Unama/ Bolsista Prosup/CAPES. Professora de Literatura (ILC/UFGA). Escreve poesias e contos, além de artigos, resenhas, capítulos de livros e livros acadêmicos.

“**É** preciso dizer ao abandono que ele não pode vir, em um dia especial: de natal. Mesmo que o Papai Noel não venha, não é permitido incomodar o meu sonho. Que eu ande pela cidade em busca de amor e de esperança.

Eu tenho este direito, dona.” Dizia Dentinho quando eu o conheci, em uma manhã de 24 de dezembro, estacionado ao lado dos carros, vigiando algum dos proprietários aparecer e convencer que ele havia dado proteção aos veículos, na ausência deles. Apesar dele sozinho, ser incapaz de se proteger, de verdade.

Era um menino, beirando aos onze anos de idade. Conhecido nas redondezas do centro comercial, onde eu morava. Naquele dia, estava mais radiante e falava menos palavras grosseiras aos transeuntes que iam e voltavam ao estabelecimento, segundo os outros trabalhadores informais e os outros meninos vadios que circulavam por aquele lugar.

A pressa cotidiana não me permitiu dar tanta atenção a ele, nos outros dias. Mas, o dia em que me convenceu de sua existência persistente, tinha um motivo muito especial. Não pedia mais dinheiro por suas gorjetas e afazeres – pedia uma blusa, uma calça e um par de sapatos. Passei por ele três vezes, naquela manhã, e a repetição no mesmo uso e ordem das palavras, fizera-se inesquecível.

Na hora do almoço, meu marido me lembrou o pedido do garoto. “Para quê, ele quer o conjunto? Para a ceia natalina?” Brincou. E, essa recordação ficou em minha memória o restante da manhã. Ao anoitecer, fui ao supermercado, que ficava ao lado de uma grande loja de brinquedos. Quando me aproximei da porta, imediatamente ele veio em minha direção: “Compre um sapato pra mim, dona”.

Ele já tinha conseguido a blusa e a calça durante sua propaganda no decorrer do dia. E, quando saí, parecia que ele já estava me esperando, sabia que eu viria com o par de sapatos. Sorri bastante, mesmo com dentes ausentes na boca. Entreguei. Aguardei um pouco para fazer a troca, caso os sapatos não coubessem nos pés. Pareciam que foram feitos sob medida! Quando eu ia partir, ele veio em minha direção: “Sabe escrever, dona.” Já com o papel que serviu de embrulho para a caixa de sapato em que havia comprado.

Eu estava sem caneta nas mãos. Ele desapareceu e apareceu repentinamente com uma caneta, havia pedido a um dos taxistas estacionados em frente ao prédio comercial. Eu falei: “O que você quer que eu escreva?”. Arrumando-se ainda, falou: “Quero uma mãe, coloca aí que foi o Marcos.”

Assim o fiz. Quando acabei e entreguei aquele pedaço de papel de embrulho, de repente tornou-se, para o menino, o mapa de um tesouro. Desisti de partir e fiquei observando suas ações.

Andava agora, não mais trotando e se escondendo entre os carros, olhando ora para os pés calçados, ora para as mãos com o mapa de seu tesouro nas mãos. Foi em direção à loja de brinquedos. Eu o acompanhei aos poucos. Ele foi impedido de entrar. Outrora, já havia roubado pequenos pertences e biscoitos algumas vezes, justificativa dos seguranças.

Marcos, então, teve que se contentar em ficar olhando as vitrines. Observei que ele olhava fixamente para um ponto. Pensei, vou me aproximar para ver qual o brinquedo ele estava querendo. Quando cheguei perto dele, ele mirava milagrosamente para um homem que estava fantasiado de Papai Noel.

O garoto sentiu minha presença, e veio se justificando: “Queria entregar o que você escreveu para ele.” Marcos se esforçava para eu não perceber que estava chorando. Eu não me contive, emocionei-me e disse: “Eu sinto muito.”

Ficamos ali alguns minutos, até o momento da retirada do Papai Noel. Quando o menino percebeu que o ‘bom velhinho’ ia partir, foi procurar uma forma de acompanhar as *renas-carro* do Papai Noel. Tirou os sapatos, amarrou-os entre a cintura, jogou fora o papel em que eu escrevi e saiu dizendo: “Ano que vem, tem natal outra vez, dona”. E saiu correndo entre os carros, com o sinal, ainda aberto.

Eu peguei o papel do chão e trouxe comigo, ainda está aqui, guardado na minha caixa de coisas dos mapas de tesouro que eu tenho e acredito que um dia, serão encontrados. Hoje, é natal, outra vez, por isso, lembrei-me de Marcos, e pensei comigo, dos dias que temos para sofrer, o natal, deveria ser aquele de exceção.





APRESENTAMOS O POEMA

Esse ano, o Papai Noel não vem

POR LAILA ANGELICA MORAES

Laila Angelica Moraes nasceu no ano de 1987 em Votuporanga. Graduada em Letras: Português/Espanhol e Pedagogia na Unifev. Professora de Português e Espanhol, Pesquisadora, Revisora, Tradutora e Pedagoga. Textos publicados nas Revistas Mallarmagens e Ruído Manifesto, selecionada em certames para participar de antologias na Espanha pela editora Letras Con Arte e Vivara Editora Nacional no Brasil. Coautora em Antologias pelas Editoras Chiado Books, Patuá e Expressividade.

Cai a neve no meu telhado.
Uma neve fina, tão imperceptível e rara,
que brilha com o reflexo da luz sutil do ol,
nesse frio inverno.

Esse ano, Papai Noel não me visitará,
por ser grupo de risco.
Então, esse ano,
ele preferiu descansar
e enviar o seu filho Manoel
em seu lugar!

Manoel pega o seu trenó,
Escorrega todo faceiro no telhado,
desce em todas as chaminés
e deixa lindos presentes,
para todas as crianças boazinhas e de muita fé.





APRESENTAMOS O CONTO

A lenda das luzes do norte no Natal

POR ANGÉLICA MARIA ESCAVASSA

No conto "A LENDA DAS LUZES DO NORTE NO NATAL", a autora tem por objetivo mostrar através da sua narrativa a sensibilidade emocional da personagem central, a jovem pintora Aila. Sensibilidade que muitas vezes o artista precisa confrontar e equilibrar, pois embora a Arte seja prazerosa, bela e emocionante ela, muitas vezes é incapaz de promover na vida real do artista, o amparo quanto às suas prioridades.

Angélica Maria Escavassa é cidadã Votuporanguense de 66 anos de idade que tem como fonte inspiradora para a escrita, três netas e três netos, (Letícia, Júlia, Emanuely, Guilherme, Lucas e do coração Gabriel) e seus pequenos(as) alunos. É formada em Letras/ Espanhol, pela faculdade e Universidade Unifev de Votuporanga é Artista Plástica há vinte anos, técnica em Educação no Tempo Integral em Escola Municipal da mesma cidade, Artesã há mais de vinte anos e Escritora com seis livros para serem publicados em 2021, (Quatro contos infantis, dois romances e outros a caminho). Teve participação com um texto na criação do livro "Antologia Ruínas" da Editora Patuá em 2020.

É dezembro!

Véspera de Natal na Finlândia e, muitas famílias estão reunidas em volta de seus pinheiros, transformando-os em suas árvores de Natal.

Neles, penduram vários tipos de enfeites, cordões e pedidos em pequenos bilhetes para o Papai Noel, mas, naquele ano, uma jovem artista estava fora da lista, e do bom velhinho, ganhar presentes de Natal.

Tal como sua mãe, Aila nasceu com o dom de pintar e em uma pequena cabana na montanha, elas moraram abastecidas de estímulo e inspiração, para criar as lindas obras que a todos encantavam, mas agora, ela estava só no mundo, pois havia perdido a pessoa que mais amava e a única que podia contar.

Os dias passavam premiados com neve, e na solitária paisagem branca, morando só na pequena cabana, a jovem artista sofria com a falta da mãe, vendo tudo tão igual ao que sentia, para quem amava cores.

Aila não mais conseguiu vender suas artes, a dispensa estava vazia e as dificuldades batiam à sua porta. Para ela não havia outra saída, a não ser, reagir para sobreviver e saiu em busca de inspiração.

Era preciso encontrar o melhor ângulo e, criando traços perfeitos, provocar nas pessoas o encantamento necessário para concluir venda e resolver a situação.

Aila procurou em todos os lugares, a imagem ideal para ser a sua mais original obra de arte retratada em tela, porém, tudo que observou com seu olhar de artista, não lhe provocou inspiração, e tão pouco, na sua emoção fez fluir o desejo de pintar.

Cansada e desanimada, Aila viu a noite chegar de mansinho e era hora de voltar para a cabana e descansar. Enquanto caminhava na expeça neve, a jovem pintora notou que o céu começou a colorir, pois naquele fim de tarde, as atividades solares estavam especialmente maiores.

Quanto mais a noite aproximava, mais as cores se intensificavam como um verdadeiro show de luzes e cores no infinito antes escuro.

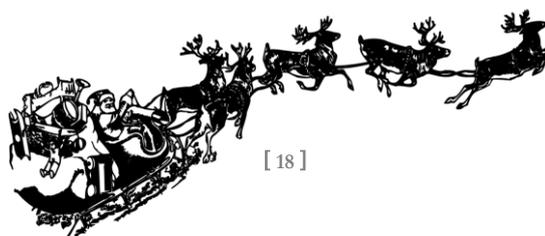
A mistura do vermelho, amarelo, laranja, azul e verde, transformavam a abóbada celeste em ampla tela e Aila contemplava o imaginável artista celestial, criando nos movimentos ritmados e perfeitos, os bailados que, a maioria das pessoas não tinham o privilégio de ver.

Concentrada no espetáculo mágico de luzes dançantes, Aila se encantou acompanhando atentamente os detalhes e movimentos da exuberante beleza, registrando tudo em sua tela.

No barulho gritante do silêncio, a energia pura liberada, impulsionou na jovem artista nova motivação e desejo de criar e o imaginável mestre, soltava a mão expressando ideias com traços orquestrados e perfeitos para a aluna o acompanhar.

Aila pintou a Aurora Boreal do Norte com sua abundância de luzes, cores e movimentos somados à beleza natural do lugar. Assinou para concluir a obra e adentrou na criação artística como mágica para o mestre seguir.

Segundo a lenda, a cada inverno, a jovem artista Aila voltava para realizar novas criações artísticas de Natal.





APRESENTAMOS O CONTO

O dilema de Papai Noel

POR ROBERTO SCHIMA

Cansados, Papai Noel e suas renas estão prestes a entregar o último presente, destinado a uma criança chamada Beto. Na casa do menino, porém, Papai Noel depara-se com um conflito. De sua decisão dependerá o destino futuro da semente de bondade humana que, apesar de tudo, acredita existir.

Neto de japoneses, nascido a 01/02/1961. Agraciado com o "Prêmio Jerônimo Monteiro", promovido pela "Isaac Asimov Magazine" (Ed. Record). Contemplado nos concursos "Os Viajantes do Tempo" e "Os Três Melhores Contos", ambos pela Conexão Literatura, com a qual colabora desde o nº 37. Escreveu: "Limbographia", "Sob as Folhas do Ocaso", "Cinza no Céu" etc. Participou de várias antologias, incluindo "O Legado de Edgar Allan Poe" e "Histórias para Ler e Morrer de Medo" I e II (Conexão Literatura). Contato: rschima@bol.com.br

Véspera de Natal...

Rigorosamente falando, já era Natal, pois a madrugada ia alta e não tardaria para o Sol despontar no horizonte.

Embora seu serviço tivesse sido dividido entre inúmeros outros papais noéis nos mais diferentes rincões do espaço por onde a humanidade fundara colônias, mesmo nos limites da Terra o serviço não estava nada fácil.

Os homens não paravam de procriar e consumir os recursos do planeta.

Papai Noel recusava a ouvir aquela voz insidiosa em seus ouvidos:

"São como ratos ou baratas!"

E quando no auge de suas funções e no ápice de seu cansaço, a voz tendia a ser mais malévola até.

"São feito tumor no corpo da Terra! Quer dar um presente ao mundo? Torne os homens estéreis."

— Oh, cale-se! — dizia para o lado obscuro de sua consciência.

Dentro de si, Papai Noel queria acreditar que a bondade humana ainda prevalecia, que era uma semente fincada no peito a qual, se devidamente regada e adubada, vingaria e renderia frutos. Afinal, aquele cujo nascimento era celebrado morrera para salvar os homens. Não era uma convicção fácil de se manter, reconhecia, em vista das barbaridades que, infelizmente, presenciara ao longo dos anos, décadas, séculos e milênios. A tendência em maior ou menos escala de se aniquilarem mutuamente. Mas de uma coisa ele tinha certeza.

— As crianças são puras de coração... Pelo menos até os cinco ou seis anos.

Depois, ficavam sujeitas às contaminações do mundo adulto, suas mesquinhas, maldades, orgulhos, arrogâncias e leviandades.

Papai Noel suspirou e um fiapo de névoa saiu de seus lábios.

De mais adiante, veio uma voz preocupada:

— Tudo bem ai atrás, patrão?

O homem de barba branca despertou de seus devaneios.

— Oh, tudo certo, Clarice. Estava só filosofando. Coisa de velho...

A rena balançou a cabeça sem entender direito. Até onde se entendia por rena, ele sempre fora velho. Para tranquilizar Papai Noel, acrescentou:

— Estamos quase chegando ao último destino.

— Ainda bem, criança. Estamos todos cansados. E, como sempre, você e as outras fizeram um excelente trabalho.

Alice, Ângela, Anita, Catarina, Clarice, Juliana, Marion e Sandra gritaram:

— Obrigada, senhor!

— Eu que agradeço, meninas. Não sou nada sem vocês.

Diante do elogio, elas levaram o trenó pelo céu com maior vigor.

A noite estava cristalina e, embora fosse verão no hemisfério meridional, uma frente fria vinha de encontro as bochechas rosadas. Papai Noel agradeceu interiormente, pois, devido ao calor, era sempre complicado fazer as entregas nessa metade do mundo vestido com seu costumeiro casaco vermelho, gorro, calças compridas e botas. Ele bem sabia o quanto suava. E só trajava a sua pesada indumentária por amor às crianças e às tradições natalinas.

— Lá está a casa, senhor! — avisou Anita, apontando com seu focinho. — É um sobrado geminado.

— E não precisa nem me dizer: não tem chaminé.

— Não, senhor.

— Novidade! Bem, de qualquer forma, se tivesse e eu fosse usá-la acabaria entalado conforme já aconteceu antes de eu, finalmente, aprender a lição.

As renas sorriram.

O trenó descreveu um longo arco e pousou na rua deserta diante da casa.

Papai Noel apanhou o saco de presentes e retirou o último embrulho. No cartãozinho com a ilustração de um inusitado boneco de neve estava escrito:

"Ho! Ho! Ho! Adivinha de quem é? Para Beto com carinho do Papai Noel."

A última entrega.

A derradeira visita desse Natal.

O velho suspirou outra vez. Não podia acreditar.

Só conseguia pensar no aconchego nevado de sua casa no Polo Norte, na bela escuridão Ártica quebrada pelo cintilar das estrelas e, ocasionalmente, pelas auroras boreais. Não via a hora de calçar seus chinelos, acomodar-se na poltrona e, diante da lareira, fumar o cachimbo, o mesmo que, certa feita, perdera nas areias de Marte até que algo extraordinário o trouxera de volta.

"Ah, sim, eu me lembro..."

Desde então, nunca mais saíra com ele em seu bolso e passara a considerar os comentários e crenças de suas renas sobre os espíritos da neve.

— Bem, vamos lá! — falou, espantando a fadiga.

Caminhou pela calçada, atravessou o portão como se não existisse, cruzou o quintal, deixou um belo osso para o *pitbull* — o qual ficou quieto na sua casinha, abanando o rabo e saboreando seu presente —, e aproximou-se da vidraça.

A sala estava imersa nas sombras, parcialmente iluminada pelas luzes da rua, dos enfeites de Natal e de uma lâmpada sobre a escada do sobrado.

Quando acabara de entrar pela porta da sala — não havia fechadura que impedisse Papai Noel — escutou um sussurro e escondeu-se por trás da cortina. Como alguém tão volumoso poderia permanecer oculto? Ora, Papai Noel representava o espírito do Natal... Um espírito! Em verdade, sequer precisaria se esconder, pois só seria visto se assim o permitisse. Mas ele tinha lá suas manias, a exemplo do cachimbo, e não seria a essa altura que mudaria. E escutou:

— Psiu! Acho que ouvi alguma coisa lá embaixo.

— Tô com sono...

— Não seja molenga, Beto. Vamos ver.

"Beto... Ah, o meu último contemplado. Mas quem será o outro? Também é voz de criança, porém, todas já receberam seus presentes, a exceção do Beto. Será visita? Devia estar em sua própria casa numa noite como essa..."

E o sonado retrucou:

— Foi só impressão sua. Volta pra cama.

— Não quer ver o seu presente, Beto? Estou doído pra pegar o meu: o último modelo do *videogame*.

Papai Noel ficou confuso. De fato, tinha a última versão do mais moderno *videogame* em mãos, todavia, destinava-se ao Beto e não a esse desconhecido que falava com ele. Coincidência? Procurou se lembrar de quantos *videogames* entregara. Desistiu dado o cansaço.

— Pra mim tanto faz. A gente tem saúde, comida, casa, nossos pais e uma cama macia... Quero voltar pra dormir, Beto!

O que era confuso, ficou incompreensível.

Beto e Beto... Dois Betos???

Então, tudo se esclareceu no momento seguinte, quando as crianças desceram a escada, o mais afoito na frente. Correu para a árvore de Natal e bufou de frustração ao perceber que seu presente não estava lá.

— Que porcaria!

— Não reclame, irmão. Vai chegar.

— Eu quero agora!

Eram gêmeos e vestiam pijamas idênticos.

Como Papai Noel pôde cometer tal engano? Retirou a sua lista enorme e pôs-se a procurar pelo endereço da casa. Quando finalmente chegou lá, leu:

"Rua da Esperança, 25. Criança: Beto (Alberto e Roberto)"

— Alberto e Roberto? Ora... BETO E BETO!

Os meninos levaram um susto e deram meia-volta, porém, nada viram.

— O que foi isso? — disse o menino mais afoito, Alberto.

— Algum bicho — falou Roberto, o mais sonado. — Talvez um camundongo.

Papai Noel pestanejou. Distraía-se e sua voz soara como um ruído.

Os meninos deviam ter cerca de sete anos. Eram morenos e bem nutridos. Podia-se dizer que um era cópia do outro, porém, bastou um minuto para o velho reparar que Alberto era materialista, interessado em um presente caro e bonito, ao passo que Roberto era mais simples, preferindo o bem-estar pessoal e da família. Papai Noel não percebera tais distinções em anos anteriores porque eram pequenos demais. Fosse o que fosse deparava-se agora com um dilema: quem receberia o presente? Não havia tempo para trazer outro do Pólo Norte e o relógio corria. Pensou e pensou. Franziu a testa e, por fim, decidiu.

"Vou fazer um teste."

Surgiram duas caixinhas sob a árvore de natal. Caixas simples, sem embrulho e sem cartão.

Alberto, o mais interesseiro, foi o primeiro a vê-las.

— Presentes! Ué, como eu não vi antes?

Pegou as caixinhas. Eram iguais e, em ambas, estava escrito "Beto" na tampa. Antes de entregar uma delas ao irmão, abriu as duas. Quem sabe, poderia escolher o melhor dos dois. Todavia, para sua frustração, continham exatamente a mesma coisa: um pequeno espelho. Passou um deles para Roberto.

— O que é isso? — indagou este.

— Uma droga de espelho — respondeu Alberto. — Quem daria essa coisa?

Roberto pensou consigo que devia ser uma pessoa humilde. Ainda assim, lembrara-se dos dois e gastara suas economias nessa recordação.

— Obrigado — sussurrou.

— A quem tá dizendo "Obrigado"? Ficou maluco, Beto?

— A quem quer que seja — respondeu Roberto fitando-se no espelho.

— Uma porcaria!

Alberto atirou seu espelho de lado, espatifando-o.

Roberto, observando atentamente o seu próprio reflexo, pôs-se a pensar no significado daquilo. Ele era criança demais para colocar seus pensamentos em palavras. Dentro de si, porém, de algum jeito concluiu que nunca houvera um presente mais adequado: a visão do próprio eu. Ou seja, o maior presente que cada um poderia ganhar — e ganhou — foi a própria existência, a dádiva da vida, a oportunidade de viver, crescer, avaliar o que de bom ou de ruim fizera durante o ano e no que poderia melhorar. A chance de evoluir enquanto gente, de realizar coisas produtivas. Era isso que o espelho representava e muito mais cujo conceito intuía, mas o vocabulário lhe fugia. Segurou o espelho com reverência e gratidão.

Papai Noel a tudo observava detrás da cortina. Sentiu admiração por Roberto. Fez renovar a sua crença na bondade humana, naquela sementinha que, teimosa, existia e resistia no âmago de cada um e, caso fosse bem cuidada, germinaria e floresceria.

— A pureza ainda habita o coração dessa criança — murmurou, comovido.

Refletiu mais um instante e, enfim, decidiu.

Não havia mais dilema em sua mente.

Sabia quem receberia o presente.

E, assim, fez o seu encanto.

Qual não foi o espanto das crianças quando, simultaneamente, viram surgir um embrulho grande, brilhante e enfeitado ao lado do presépio.

— Oh! Como é que... — foi dizendo Roberto.

Alberto, sempre afoito, correu para apanhá-lo. No caso, havia um belo cartão a arrematar o lindo pacote. Ansioso, leu escondido do irmão por via das dúvidas, afinal, não lhe custaria nada mentir. Espremeu a vista e, na fraca luminosidade da sala, leu. Arregalou os olhos, tomado pela surpresa. Gritou:

— É MEU! Tá com meu nome escrito... Al-ber-to. É MEU!

Ficou pulando e cantarolando pela sala, abraçado ao presente. Teria acordado a vizinhança inteira, caso Papai Noel o permitisse. Aliviado, não titubeou em mostrar o cartão para o irmão, a fim de provar.

— É meu!

— Tô vendo.

Roberto mal se deu ao trabalho de ler, mais atento a Alberto e a alegria com que destroçou o delicado papel de embrulho.

— Não vai esperar clarear? — perguntou.

— Não aguento. Tem que ser agora. Eu tenho que saber.

— Saber o quê?

— O *videogame*, claro. Tem que ser ele!

E era de fato.

— EBAAA!

O menino explodiu de felicidade.

Se havia algum desapontamento em Alberto, este não deixou evidente. Sorriu para Alberto, feliz ante a felicidade do outro. Até que Alberto deu-se conta de que o irmão não ganhara um presente equivalente e parou de saltitar. Franziu a testa e vasculhou cuidadosamente debaixo da árvore. Não encontrou nada.

— Não ficou triste, Beto?

— Por que ficaria, Beto?

— Não ganhou nada!

— Ganhei isto — e mostrou o espelho.

— Nem se compara ao...

Antes que Alberto prosseguisse, Roberto explicou da melhor forma, com suas palavras, o que concluía sobre o significado do espelho, do reflexo, da família, da casa, do Natal.

— Ver você tão feliz também é um tipo de presente pra mim — concluiu.

As palavras penetraram devagar no cérebro prático, egoísta e materialista de Alberto como uma chuva que a terra demorasse a absorver. E, em que pesasse a dificuldade, roçaram a sementinha.

Alberto, acanhado, juntou o papel rasgado ao *videogame* e estendeu para o irmão.

— O que está fazendo? — perguntou Roberto.

— Este é o meu presente pra você... Se me deixar jogar de vez em quando.

Roberto fez menção de recusar, porém, não queria desprestigiar aquele gesto tão raro. Optou por ser diplomático.

— Não pode ser o presente de nós dois?

Alberto sorriu.

— Feito!

E deram as mãos para selar o acordo.

Depois, Alberto pretendeu pegar a vassoura e a pá de lixo a fim de recolher os cacos do espelho, mas estes desapareceram. Franziu a testa.

— Como?...

Roberto fitou as próprias mãos: estavam vazias.

— Algum tipo de mágica.

Confusos porém felizes, subiram a escada e foram para o quarto dormir.

Saindo finalmente de seu esconderijo, Papai Noel balançou a cabeça, satisfeito e aliviado.

O dilema representara um risco enorme. Se tivesse cometido um erro, teria feito de Roberto alguém tão materialista quanto o gêmeo e, deste, uma criatura pior quando crescesse. Em vez disso, duas sementes puseram-se a desenvolver. Sentiu-se recompensado. Refez o caminho até o trenó.

A rena que estava mais atrás ficou intrigada.

— Tudo bem, patrão? O senhor demorou...

— Melhor impossível, Sandrinha. Ah, eu vou contar a vocês o que aconteceu depois que todos nós tivermos descansados. É uma bonita história e vale a pena ser compartilhada. Como foi quando encontramos Nova Lux no cinturão de asteróides de Aniz. Lembram-se? Ou quando recuperei o cachimbo... Sim, temos vivido lindas histórias. Vamos, crianças, vamos para casa. Não vejo a hora de arrancar estas botas e fumar meu velho cachimbo. Ah, uma porção generosa de feno fresco as aguarda...

— VIVAAA! — gritaram todas em uníssono.

— Mais um Feliz Natal para todos nós, minhas crianças... Ho! Ho! Ho!

— FELIZ NATAL, PAPAÍ NOEL!

Na noite dedicada àquele que dera a sua vida para os outros salvar, o trenó decolou suavemente. Guizos tilintaram. Sob o frio das estrelas e seguindo o luar, rumou célere ao vazio do Grande Norte.





APRESENTAMOS O CONTO

Ladrião de presente

POR FELIPPE GUSTAVO

Natal. Abraços, presentes, comemorações, expectativas, família reunida, conforto, aconchego, frio, calor de amizade e cheiro de comida no forno. O abandonado somente observava os fatos do meio da rua. Somente acompanhava a vida de todos, nada tinha para fazer, apenas ficar ali naquela rua. Talvez o animal sentia o espírito natalino, mesmo sem ter conhecimento de datas, tempo, idade e festas, o canino sabia que algo iria mudar sua vida naquela noite.

Felippe Gustavo Cunha, futuro professor, ainda universitário. Estuda a Língua Portuguesa e suas respectivas literaturas na Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Criado no bairro da Abolição que fica na Zona Norte do Rio de Janeiro. Escritor ávido e rabisca alguns poemas quando a vida lhe oferece alguns versos.

Natal. Abraços, presentes, comemorações, expectativas, família reunida, conforto, aconchego, frio, calor de amizade e cheiro de comida no forno. Na casa da frente, nada, vazia. Os donos foram para outra cidade. Todavia, na casa atrás, essa atmosfera contagiante. Ouvia-se de longe o sublime som das risadas, observando, via-se as luzes e os enfeites de natal. A vida da família sempre foi essa, uma união impecável e uma força intrigante para cumprir as tradições das determinadas datas do ano. O abandonado somente observava os fatos do meio da rua. Somente acompanhava a vida de todos, nada tinha para fazer, apenas ficar ali naquela rua. Os vizinhos da bela família eram rudes, o enxotavam toda vez que o viam ir até a lixeira para saber se havia alguns restos de alimentos. Mas a adorável família apontava uma esperança ao coitado. Nela, havia um ser menor, sempre que se separava da família, vinha até o esquecido para fazê-lo lembrar de que é lembrado e não tão esquecido. Isso talvez rendesse mais forças ao animal que o próprio resto de alimento deixado nas lixeiras. Ao ver a pequena humana fazendo gestos e provocando sua atenção, o infeliz imaginava que talvez em algum dia de sua vida teria um lar também, se perguntava de onde veio e quem o criou, pois, a menina era criada pelos adultos e habitava ali com eles, mas o animal não sabia de onde viera e quem cuidara dele. Refletir era um hábito de suma importância, fazia-o trabalhar a cabeça, a única parte de seu corpo que tinha forças. O restante era fraco, parecia que não iria funcionar ao tentar usar. Andava sobre três patas, uma foi quebrada por um adulto da outra família quando, sem querer, o animal sujou seu portão com sua necessidade. Entretanto, isso não vinha ao caso nesse dia. Aquela noite de natal era especial.

Talvez o animal sentia o espírito natalino, mesmo sem ter conhecimento de datas, tempo, idade e festas, o canino sabia que algo iria mudar sua vida naquela noite. Não era uma noite comum como as outras, não parecia ser o mesmo ciclo de repetição dos dias, algo diferenciava a ocasião. A menina acenava com mais convicção, havia força em suas patas, estava de pé e conseguia emitir som com sua boca. Não havia somente a menina, os seres maiores a acompanhava e traziam algo de bom olfato em suas mãos. Não era resto de comida, mas era algo agradável como ela, talvez até mais, porém, o traumatizado temia ser uma armação dos homens para o pegar ou ferir outra pata sua.

Desanimado, o esperançoso voltou a ser desamparado. Agora seus olhos não querem mais abrir, seu latido continua preso, seu corpo continua fraco. As únicas forças existentes

são a da sua barriga que provoca um ruído atormentador e de seu coração que o aquecia com algo que saía do mais profundo de seu interior para os seus olhos, livrando-o do frio e causando grande dor ao esquecido. Desacreditado da mudança, encolhido no papelão, o animal usou seu último fôlego para abrir os espelhos de sua alma e a consequência foi ver a menina quase frente sua face. Sem poder escapar, o animal nada fez, poderiam quebrar-lhe todas as patas, sua consciência estava limpa, não havia mexido nos restos nem feito necessidades. Mas, surpreendeu-se. A menina estava à sua face, ela era bonita, tinha nas mãos algo diferente dos restos, colocou diante da criatura que, mesmo sem forças para ficar de pé, conseguiu tirar proveito deitado erguendo suas forças e esperanças, erguendo seus sonhos e sua memória, colocando de pé seu corpo e sua alma, fazendo nascer um novo movimento para seu corpo, seu rabo se movia por vontade própria, era uma sensação única, algo diferente aconteceu realmente. Além da comida, havia água fresca, que lavava seu corpo por dentro, trazendo nova vida. Tudo mudou.

A filhota humana correu de volta para o outro lado da rua, para junto dos maiores, o animal a reconheceu, talvez fosse ela o tempo todo, todos aqueles gestos era um modo de avisá-lo. Era ela o tempo todo. Era ela o seu lar, era ela quem o criou, o animal acreditou no seu coração. Uma nova força diferente saía do seu interior para seus olhos, era a força de ser lembrado e não esquecido mais. A bela menina estava à sua frente, agora, do outro lado, ela correu naquela direção. Talvez devesse ir atrás dela, esse gesto era para apontar a direção de sua esperança, não iria acabar tudo no mesmo ciclo, ele se rompeu. As luzes da noite iluminavam os olhos e o coração do cão, que enxergava apenas essa direção, a direção das belas luzes noturnas, que davam direto na resposta de sua vida.

E lá foi o cão, correndo em direção, mancando um pouco, não mais morto, mas vivo de emoção, correndo para o natal, para os abraços, presentes, comemorações, para novas expectativas, para sua família, seu conforto, aconchego, sua amizade que o esperava acenando de uma forma jamais vista, acenava e fazia barulho, era tudo novo, não mais a mesma solidão. Corria o solitário, para tornar-se amigo, corria o triste para tornar-se feliz, corria o faminto para ser farto, corria para não morrer parado, corria para a adrenalina que aquecia seu sangue, corria para a alegria que o fazia esquecer do fim, trazendo à tona um princípio. Corria para as luzes coloridas que iluminavam sua alma, sem desviar o olhar, olhar para trás era arriscado demais, por nenhum segundo queria perder a novidade. Corria, corria. As luzes ficavam próximas, a menina também corria em sua direção, era o encontro com sua vida que alegraria seu coração. O cão ouviu muitos sons, seu coração

batendo forte, a menina com suas mãos e um som que vinha do seu lado, junto com duas grandes luzes, que vinham muito depressa em sua direção. O cão percebeu que essas duas luzes invadiriam seu coração, mais rápido que as luzes noturnas daquela noite, pois foi a única coisa que deu tempo de fazer após vê-las. Ali na mesma rua, deitado no chão, procurando forças dentro de si, procurando forças em seu coração, para se constatar de que aquilo tudo não foi ilusão. Procurando o que vem do interior para o fortalecer, queria voltar a ver, procurar a menina que mudou sua vida.

Por meio da dor, o cão abriu os olhos outra vez. A última coisa que viu foi bem longa mesmo sendo curta, pois foi o segundo que não queria perder. Viu sua esperança chorando, sentiu queimar seu coração, viu seu sangue no chão, viu a noite de natal acabando, viu as luzes que lhe roubaram a direção: o carro apressado, ladrão de presentes que tirou sua emoção. Viu sua família mais perto, viu que conseguiu ser lembrado, agora, talvez, não mais apanharia por mexer no lixo da família ao lado. Viu a noite estrelada e dentro de si, entendeu o que sucederia. Aos poucos, ia acontecendo. Tudo o que possuía foi roubado. Viu a escuridão.





APRESENTAMOS O POEMA

Lembranças Natalinas

POR LAILA ANGELICA MORAES

Laila Angelica Moraes nasceu no ano de 1987 em Votuporanga. Graduada em Letras: Português/Espanhol e Pedagogia na Unifev. Professora de Português e Espanhol, Pesquisadora, Revisora, Tradutora e Pedagoga. Textos publicados nas Revistas Mallarmagens e Ruído Manifesto, selecionada em certames para participar de antologias na Espanha pela editora Letras Con Arte e Vivara Editora Nacional no Brasil. Coautora em Antologias pelas Editoras Chiado Books, Patuá e Expressividade.

Nesse Natal, muitas pessoas da família,
se tornaram apenas fotos penduradas
em velhas paredes
ou porta-retratos em criados-mudos amarelados.

São heranças de minha avó.
Lembranças quase apagadas
do tempo em que,
chorávamos após rirmos muito
depois de aprontarmos com a vizinha,
ou em seguida de escutar uma piada do tio:
“É pá vê ou pá cumê?”
Algo sem graça,
mas que faz muita falta!





APRESENTAMOS O POEMA

A magia de Natal

POR ROSANGELA MARIANO

Rosangela Mariano é formada em Letras pela Unisinos (RS). Tem diversos livros publicados pela Editora Litteris, selo Quártica, RJ. É escritora independente e faz parte do site www.artistasgauchos.com. Em novembro de 2020, o poema *Sobre ser pedra* é selecionado pela Revista Literária online LiteraLivre. A poesia *Rodopios* recebe Menção Honrosa pela Academia Capanemense de Letras e Arte, ACLA, no Pará e o conto *Estrelinhas* é classificado na Antologia *A Magia de Natal*, pela Webtv.

Paulinho não vai pular fogueira.
Não vai brincar de amarelinha,
não vai soltar pipas arco-íris...
Paulinho não vai saltar muros,
não vai subir em árvores de romã.
Não vai mover aeroplanos
ou barquinhos de papel...

Paulinho não vai correr
em aquarelas
atrás da cachorrinha Ametista
ou balançar folgedos
pelas ruas de dezembro...

Paulinho está à espreita!
da magia de Natal...
Olhos de lua,
estrelinhas no céu
da boca,
mãozinhas em valsa,
pezinhos em asas,
coração em pirilampos...
- Papai Noel vem vindo!

A magia do Natal

perfuma o ar...





APRESENTAMOS O POEMA

Mais uma noite de Natal

POR LIAH PEGO

Liah Pego, 56 anos, casada, tenho 3 filhos, pedagoga, pós graduada em Gestão, escritora e atuei no ensino público por mais de 30 anos. Sou aposentada. Já publiquei minha primeira obra, de literatura infantil, "Babys e o Lobo" que faz parte de uma coleção, "As Babys Aventureiras", composta de 6 contos porém, só uma publicada e no momento, estou aventurando em vários escritos de diferentes gêneros e desde que comecei, minhas obras estão sendo bem aceitas no universo literário.

Noite de Natal, noite feliz, o sino da Igreja, assim nos diz

Nasceu o menino, numa manjedoura

Gloria, gloria, Aleluia!

Jesus, Maria, José, numa estrebaria.

Os animais marcam presença

Nesta noite de harmonia

Entoam cânticos animais

Louvando, com fé e alegria

Aquele que nasceu

Da donzela Maria.

Não podemos esquecer

Do carpinteiro José

Homem de fibra e garra

Acolheu mulher e seu herdeiro

Que veio para libertar o mundo inteiro.

As famílias estão em festa

A estrela convida para visitar

Aquele que nasceu do pai

Para nos salvar.

Os reis magos seguem em frente, guiados

Pela estrela de Belém

Nas mãos carregam contentes

Os presentes para ofertar

Ouro incenso e mirra
É o que tem para agradar
O divino, o eterno nascido da Virgem Maria.
Pregai o evangelho
A toda criatura
Dizia Jesus, quando exercia
Suas doces aventuras.
No seu trenó, o papai Noel
Sorridente e compulsivo
Guia as renas por entre as nuvens
Desce e sobe montanhas
Parece cumprir uma métrica supersticiosa
Aguça na criança o desejo,
Deixando-a curiosa.
O presente abandonado...
Debaixo do travesseiro,
No sapatinho na janela,
Debaixo da árvore,
Numa caixinha singela, não importa
Pois, para ele, a chaminé neste dia, é a entrada da porta.
No dia seguinte a criança
Corre na ansiedade de encontrar
O presente deixado pelo velhinho
E junto dele, o bilhete que diz:

Ano que vem, vou voltar

È só esperar

HO, HO, HO!





APRESENTAMOS O CONTO

Tradição

POR CIDA SIMKA E SÉRGIO SIMKA

Carlos relutava em aceitar que sua esposa montasse a árvore de Natal, tradição da vida de casados, por causa da perda recente de seu pai. Após conversarem a respeito, Marlene acabou preparando a árvore na sala, com os devidos enfeites e os pisca-piscas coloridos. Foi o grande erro de suas vidas.

Cida Simka

É licenciada em Letras pelas Faculdades Integradas de Ribeirão Pires (FIRP). Autora, dentre outros, dos livros "O enigma da velha casa" (Editora Uirapuru, 2016), "Prática de escrita: atividades para pensar e escrever" (Wak Editora, 2019) e "O enigma da biblioteca" (Editora Verlidelas, 2020). Colunista da revista Conexão Literatura.

Sérgio Simka

É professor universitário desde 1999. Autor de mais de seis dezenas de livros publicados nas áreas de gramática, literatura, produção textual, literatura infantil e infantojuvenil. Colunista da revista Conexão Literatura.

Eu sei que foi em março que você perdeu seu pai, Carlos, mas eu gostaria de manter a tradição.

— Acho que posso compreender, Marlene, mas ainda acredito que é cedo para comemorarmos o Natal e...

— Não vamos comemorar, eu só gostaria de montar a nossa árvore de Natal, pois desde que estamos casados a árvore sempre foi...

— Eu sei — cortei de forma abrupta minha esposa —, mas ainda acho que uma árvore de Natal é algo que, tipo, não tem nada a ver com o que sinto.

— Compreendo perfeitamente seus sentimentos, meu querido, e eu sinto muito mesmo. Você sabe que eu era bem próxima de seu pai, fui eu quem o encontrou...

— Não me faça me lembrar, Marlene, eu me culpo toda vez que aquele dia vem à memória e por isso...

— Já te disse umas mil vezes que a culpa não foi sua. Você estava trabalhando, assim que eu te liguei.

— Sim, mas eu poderia ter ficado com ele, ter solicitado um afastamento da empresa, para cuidar dele e...

— Você não tinha como saber o que aconteceria. Seu pai estava mal, concordo, mas ninguém poderia prever o que ele...

— Chega, chega. Não quero mais ouvir.

— Desculpa, querido.

Ninguém disse nada durante cinco minutos.

— Eu é que lhe peço desculpas, Marlene, acho que estou sendo um tanto intransigente e desagradável.

Marlene sorriu, aguardando.

— Não tenho o direito de te privar do que pretende fazer e...

— Quer dizer então que posso preparar a árvore de Natal?

— Quer que eu te ajude? Vou pegar as caixas lá no porão.

— Puxa, amor, obrigado.

Fui até o porão. Tinha odor de mofo. Acho que eu abria só uma vez por ano. Fiz uma anotação mental para abri-lo mais vezes. Localizei as caixas com as bolas e com a árvore artificial. Levei tudo para a sala.

Marlene havia limpado uma pequena área perto da janela, a fim de receber a árvore de Natal. Sorriu quando me viu carregando as caixas.

Centralizou a árvore no tapete e começou a enfeitá-la à medida que eu lhe entregava as velhas bolas de Natal, presente de minha falecida mãe. Por fim, acendeu os pisca-piscas coloridos.

— Ficou maravilhoso, Marlene. Parabéns.

— Parabéns para nós. Obrigada por me ajudar. Você é um marido surpreendente.

— Eu sei.

— Vou tomar banho e volto para comemorarmos.

Fiquei sentado na poltrona observando a árvore ao cair da noite. Fui à cozinha para beber qualquer coisa e quando voltava ao meu posto pude ver uma sombra perto da árvore. Fixei os olhos e ela desapareceu.

Assim que minha esposa desceu, preferi não falar nada. Ficamos conversando na poltrona. Eu olhava constantemente para a árvore. Percebendo, Marlene perguntou:

— Não ficou mesmo linda, Carlos?

— Sim, ficou, sem dúvida.

— Vou desligar a luz da sala para realçar as luzes da árvore.

A árvore brilhava com os pisca-piscas coloridos.

Não sei por que eu engolia em seco. Sentia um pânico me envolvendo.

De repente, as luzes pararam de brilhar.

— Carlos, veja o que aconteceu, sim?

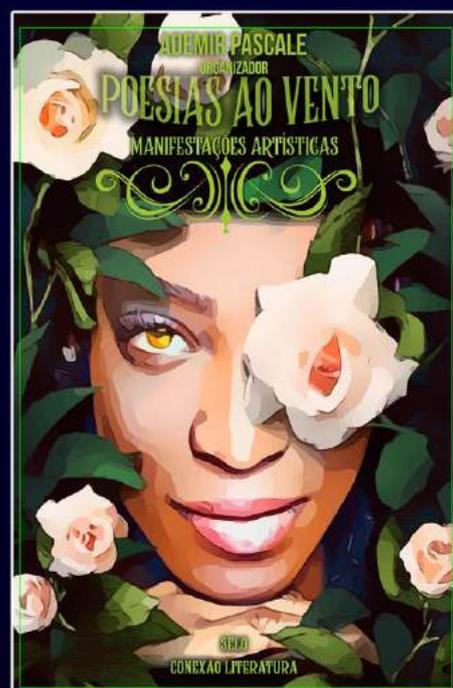
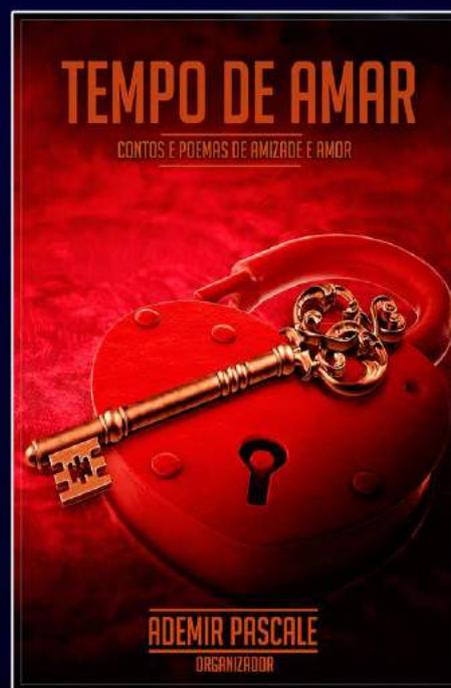
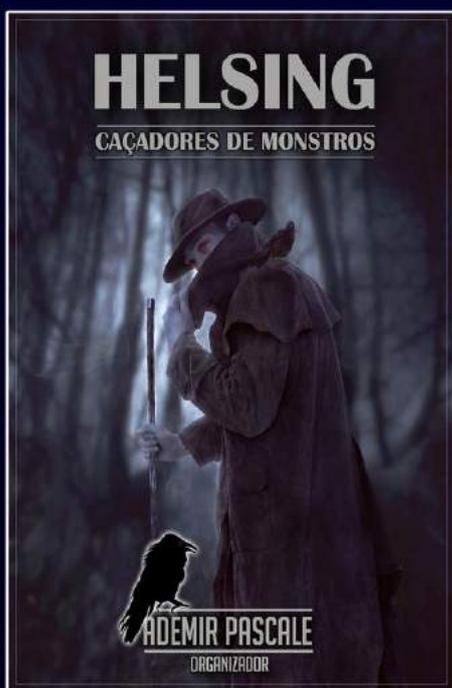
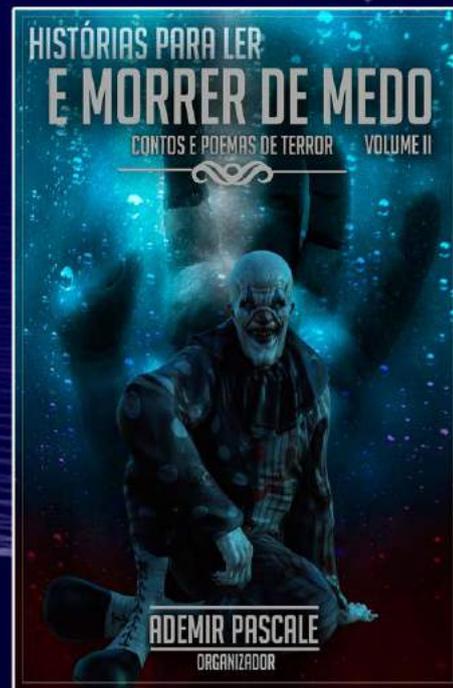
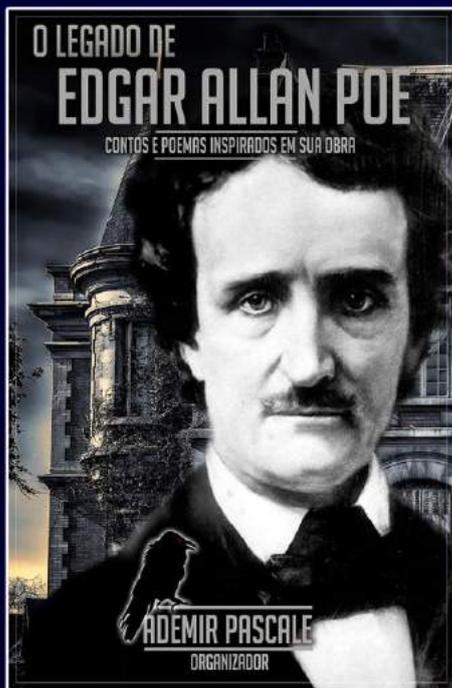
Levantei-me muito a contragosto e fui até a árvore. Apalpei em todos os lugares à procura de algo desconectado, um fio solto, não ligado na tomada etc. Acho que mexi em algo e as luzes se acenderam.

— Pronto, Marlene, a sua árvore voltou a brilhar — disse, ainda de costas para ela, que não respondeu.

Voltando à poltrona, foi então que reparei na minha esposa, cuja fisionomia estava congelada num horror indescritível, observando a árvore de Natal. Rapidamente, lancei meu olhar para lá: uma enorme sombra saía lentamente de trás da árvore e caminhava em nossa direção.



CONHEÇA OUTROS TÍTULOS DA COLEÇÃO



BAIXE OS E-BOOKS GRATUITAMENTE: CLIQUE SOBRE AS CAPAS

VISITE: WWW.REVISTACONEXAOLITERATURA.COM.BR
CURTA: WWW.FACEBOOK.COM/CONEXAOLITERATURA
WWW.INSTAGRAM.COM/REVISTACONEXAOLITERATURA
E-MAIL: ADEMIRPASCALE@GMAIL.COM

PARTICIPE DE NOSSAS ANTOLOGIAS. LEIA NOSSOS EDITAS EM ABERTO: CLIQUE AQUI